

**EDUCAÇÃO,
TRABALHO E
DESENVOLVIMENTO**

José Pastore

RESUMO

O propósito deste artigo é o de ressaltar a importância estratégica da educação para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Uma atenção especial é dada ao papel da educação de boa qualidade para elevar a produtividade do trabalho, que está estagnada há muitos anos no país. A produtividade média do trabalhador brasileiro é de apenas 20% da produtividade do americano. A rápida incorporação de avanços tecnológicos nos sistemas produtivos está a exigir profissionais que, além de terem uma boa capacitação em seus ofícios, tenham uma boa educação básica, que lhes permita dominar adequadamente a linguagem e a matemática, e bons conhecimentos gerais. O trabalho moderno é cada vez mais realizado em equipe, o que exige uma boa preparação.

Palavras-chave: educação; treinamento; produtividade; tecnologia; crescimento econômico; progresso social.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to stress the strategic importance of education for the economic and social development of Brazil. Special attention is given to the role of a good quality education to enhance the labor productivity in the country, which has been stagnant for many years. The average productivity of the Brazilian workers is no more than 20% of the productivity of that of the American workers. The rapid incorporation of modern technologies into the production systems is raising the demand for workers well prepared in their occupations and also adequately trained in the use of language, mathematics and general knowledge. Modern work is more and more team-oriented, which requires a good preparation.

Keywords: education; training; productivity; technology; economic growth; social progress.

Há pouco tempo minha neta perguntou:

– Vô, quantos anos você tem?

– Mariana, eu sou do tempo em que não existia avião a jato. Nem televisão. Sou do tempo em que não havia computador, fax, internet ou e-mails. Telefone celular, nem pensar...

Ela tomou um susto e exclamou:

– Vô! Você deve ter uns 200 anos!

– Pois é, Mariana, tudo isso apareceu nos últimos sessenta anos e a maioria nos últimos vinte. Por aí você vê a espantosa velocidade de mudança que marca os tempos atuais.

A VELOCIDADE DAS MUDANÇAS

Vivemos em uma era em que a história corre muito depressa. Já houve outros tempos assim. Lembro aqui a entrada dos teares tocados à máquina a vapor, inventada por James Watt em 1763, e a entrada do motor elétrico, inventado por Werner von Siemens em 1886.

Cada vez que a história dá uma arrancada dessas, novas competências são demandadas.

É o que está acontecendo nos dias atuais. As novas tecnologias estão entrando no mundo do trabalho a uma velocidade irreconhecível, abrindo inúmeras oportunidades e, ao mesmo tempo, colocando enormes incertezas para o sistema educacional. A escola está sendo desafiada a inovar e se ajustar a um ritmo que não é próprio da cadência educacional.

No mundo do trabalho cresce a demanda por conhecimentos, por flexibilidade e versatilidade. Aumenta a necessidade de se contar com pessoas que sabem pensar e não apenas que têm informações.

As transformações têm sido imensas. Alan Greenspan, ex-presidente do Federal Reserve, escreveu um interessante artigo mostrando que o PIB tem um valor monetário e tem um peso físico que reflete o peso de tudo o que é produzido por um país. Ele mostra que o valor do PIB está explodindo e o peso físico está diminuindo. Nos últimos cinquenta anos, o PIB dos Estados Unidos quintuplicou em valor, ou seja, aumentou 500%, enquanto o seu peso físico se manteve praticamente

te constante. De fato, há cinquenta anos os rádios e as calculadoras pesavam muito. Hoje, graças aos *chips*, eles são miniaturas levíssimas. Os carros de hoje e os próprios aviões são proporcionalmente muito mais leves. A fibra ótica substituiu toneladas de cobre nas linhas de transmissão. As transações financeiras dispensaram toneladas de papéis, pois são realizadas *on-line* nos computadores (Greenspan, 1989; Weissbound, 2012).

O que isso tem a ver com a educação? Tudo.

O fenômeno apontado por Greenspan indica que a produção está se baseando cada vez mais em elementos intangíveis, ou seja, nas ideias, e cada vez menos na musculação, ou seja, na força física. Na produção industrial moderna participa muito mais o abstrato do que o concreto. E o abstrato é o que se aprende na escola. Educação de boa qualidade tornou-se uma peça fundamental para a produção industrial.

Para a economia dos tempos atuais, a capacidade de pensar é crucial. A empresa moderna busca profissionais que tenham bom senso, lógica de raciocínio, competência para se comunicar, que sejam capazes de apreender continuamente e preparados para trabalhar em grupo e, por fim, que conheçam bem o seu ofício.

O uso do bom senso é fundamental. O trabalhador que decide colocar as peças defeituosas ou

JOSÉ PASTORE é professor de Relações do Trabalho da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

as frutas apodrecidas no fundo da caixa, achando que o consumidor não vai perceber, rema contra o bom senso, prejudica a empresa e a si próprio. Sim, porque o verdadeiro dono do seu posto de trabalho é o consumidor. Se este não for satisfeito, ele para de comprar daquela empresa que, por sua vez, para de crescer e pode até morrer.

Atitudes como essa não dependem de conhecimentos complexos. Mas apenas de um bom senso que vem com a educação geral. A empresa moderna espera que os seus profissionais conheçam o seu ofício e sejam comprometidos com o seu trabalho, que tenham zelo naquilo que fazem. Isso também vem com a educação geral.

O mercado de trabalho está se tornando cada vez mais exigente. Hoje, passar nos exames de admissão de muitas empresas é mais difícil do que ser aprovado em exames vestibulares. Os recrutadores buscam profissionais que tenham um bom domínio dos conhecimentos básicos e das especificidades de sua profissão. Como assim? O mercado quer um Descartes? Devem ser generalistas e especialistas? É isso mesmo. A empresa moderna espera que seus empregados dominem a linguagem, a matemática, os conhecimentos gerais, a ética do trabalho e a sua profissão.

Já não basta ser adestrado. É preciso ser educado, e bem educado porque as mudanças, por ocorrerem em velocidade meteórica, exigem que os trabalhadores estudem e apreendam continuamente. Isso depende de educação e não de adestramento. Nem basta ter diploma. É preciso ter capacidade de apreender. A empresa moderna não está em busca de canudos, mas sim de respostas e de quem pode aprender continuamente.

Se a concorrência é alta nos dias que correm, ela será muito mais alta nos próximos anos. Estamos mal colocados no campo da competitividade. Nos últimos anos, o Brasil caiu da 32^a para a 51^a posição, num total de 60 países estudados pelo IMD da Suíça¹. Ao se desagregarem os componentes da competitividade, verifica-se que a nossa maior fragilidade está na precária qualidade da educação.

O trabalho produtivo é o que se realiza com disciplina, zelo, comprometimento, amor àquilo que é feito e com competência profissional. Tudo isso depende de educação de boa qualidade.

As novas tecnologias estão transformando o modo de trabalhar. E estamos apenas no começo

de uma fantástica revolução. Para participar dela, os profissionais terão de ser polivalentes. Na verdade, já entramos na era da multifuncionalidade. Veja o caso da secretária. No passado, esperava-se dessa profissional ter uma boa datilografia e certo senso de organização. Hoje, ela precisa dominar os processadores de texto, que evoluem a cada dia; ter boa redação; conhecer um pouco de contabilidade; ajudar a controlar custos; organizar viagens; manusear máquinas sofisticadas de xerox, fax, modem; ter habilidade para persuadir pessoas, conhecer línguas e outros requisitos.

O novo mundo do trabalho vai exigir estudo permanente. Tradicionalmente, a teoria econômica dividia o tempo do homem em duas partes: trabalho e lazer. Cada vez que se diminuía o tempo do trabalho, aumentava-se o tempo do lazer e vice-versa.

Hoje em dia – e mais no futuro – o tempo dos seres humanos está sendo dividido em três partes: trabalho, lazer e aprendizagem. O constante avanço da revolução tecnológica exige dos homens e mulheres a dedicação de uma grande parcela de seu tempo para aprender e dominar as inovações. Neste mundo só haverá lugar para quem for capaz de aprender continuamente. Não haverá lei, sindicato ou partido que possa tornar atrativa aos empresários a mão de obra despreparada.

O mundo do futuro exigirá profissionais que se comportam como o aluno interessado o tempo todo. Isso já ocorre hoje em vários ambientes. Os locais de trabalho e a própria casa parecem escolas onde se estuda e se aprende de forma continuada. Uma coisa é certa: os brasileiros terão de escolher entre muita educação ou pouco trabalho; alta competência ou baixos salários.

Nessa corrida, já estamos atrasados. Enquanto a nossa força de trabalho possui apenas sete anos de escola – e má escola –, nos Tigres Asiáticos, são dez anos de boa escola; no Japão, onze; nos Estados Unidos e Europa, doze.

No Brasil as deficiências educacionais vêm da base – do ensino fundamental. Por isso, as escolas profissionais de nível médio e a própria universidade estão sendo obrigadas a preencher as lacunas que a escolarização anterior deixou nos alunos.

Se o problema é grave no momento, será mui-

1 Relatório da IMD Business School, 2012.

to mais grave se o Brasil não elevar substancialmente a qualidade de ensino que oferece aos seus cidadãos. As projeções sobre mercado de trabalho indicam que, em 2050, cerca de 60% das pessoas estarão sendo demandadas para exercer profissões que ainda não existem nos dias de hoje. Uma amostra desse problema foi observada na retomada de crescimento da indústria automobilística americana. Em meados de 2013, a Ford e a General Motors estavam buscando engenheiros para realizar tarefas até então desconhecidas pela maioria daqueles profissionais, em especial, com capacitação em eletrônica e ciência da informática, que eram importantes para a concepção, o desenvolvimento e a produção dos novos modelos de veículos. Se isso ocorre naquele país, o que dirá no Brasil, que está muito atrás em matéria de ensino, inovação e produtividade do trabalho. Nesse campo, a produtividade média do trabalhador brasileiro é de apenas 20% da produtividade do americano. É uma diferença brutal!

CORRIDA EM DIREÇÃO A UM PONTO MÓVEL

Ao mesmo tempo em que as escolas reparam os estragos da escolarização anterior, elas têm pela frente uma corrida em relação a um ponto móvel. Quando se chega à capacitação exigida, descobre-se que as novas tecnologias requerem outras competências. Quando um país avança o nível de conhecimento em 5%, descobre que o seu concorrente avançou 10% ou 20%. Vence a competição quem chega mais rápido com quadros capazes de produzir mais, diversificar produtos, atender desejos, ganhar mercado, acumular lucros e aumentar os investimentos.

Isso tem também importantes reflexos na empregabilidade. Tem mais chance de se empregar quem pensa bem. Tem mais chance de se manter no emprego quem aprende rapidamente. Peter Drucker diz que, nos dias de hoje, a segurança no emprego depende basicamente da capacidade de aprender de modo rápido e contínuo.

Devo abrir aqui um parêntese para comentar dados aparentemente contraditórios sobre educação e emprego no Brasil. As estatísticas recentes indicam que as taxas de desemprego estão mais baixas entre os trabalhadores de baixa escolariza-

ção e mais altas entre os que completaram o ensino fundamental e até o médio. Como explicar isso?

Dois fenômenos se conjugaram na determinação desse paradoxo. O primeiro diz respeito ao modelo de crescimento recentemente adotado no Brasil nos anos de 2003-12, que enfatizou o setor de serviços de baixa qualificação (entregadores, empregadas domésticas, ajudantes na construção civil e outras atividades), que fez expandir as oportunidades de trabalho para pessoas menos qualificadas.

O segundo diz respeito ao desencontro entre as necessidades das empresas e a qualidade dos que concluem o ensino médio. As modernas tecnologias e os novos métodos de produzir e vender exigem qualificações que o ensino médio não oferece. Isso reflete em grande parte a desatualização das nossas escolas. Assim, tem-se ao mesmo tempo formados sem emprego e empresas sem profissionais adequados. Para cobrir esse abismo, o desafio é grande e a corrida é frenética.

Nessa corrida, contam muito o ponto de partida e a velocidade de aprendizagem. Robert Foegel (2002) descobriu que, em 1850, 90% dos americanos eram alfabetizados. E eu descobri que, em 1850, 90% dos brasileiros eram analfabetos. Recentemente, foi aprovada a lei que obriga os pais a matricularem seus filhos na escola a partir dos 4 anos de idade. Nos Estados Unidos, essa lei foi aprovada em 1650 (Tocqueville, 1969)!

Se o ponto de partida conta muito, a velocidade com que se procura tirar a diferença conta muito mais. Também nessa comparação, os americanos foram mais rápidos do que os brasileiros. Eles investiram muito mais do que nós ao longo dos últimos cento e cinquenta anos e, mesmo assim, estão sendo desbancados pela Coreia do Sul, Cingapura e Finlândia nos testes do Pisa.

Não há dúvida de que o grande diferencial das empresas nos dias atuais está na capacidade de aprendizagem da sua força de trabalho. Sim, porque as máquinas se tornaram relativamente baratas, acessíveis e bastante “inteligentes”. O que faz a diferença é quem opera essas máquinas.

Certa vez perguntei ao ministro do Planejamento da Índia: por que o seu país se destaca tanto no campo da informática se os computadores são igualmente baratos e acessíveis no mundo inteiro? Ele me disse que o sucesso é devido a três “e”: *english, engineering e education!*

EDUCAÇÃO E PRODUTIVIDADE

Fica cada vez mais claro que a educação só faz diferença na produtividade e nos ganhos pessoais quando é de boa qualidade. Isso explica, em grande parte, por que bons profissionais de nível médio ganham mais do que diplomados em faculdades de má qualidade. Educação de baixa qualidade não traz benefícios. Os trabalhadores não ganham, não produzem, não inovam e não geram lucros. As empresas não evoluem, não lucram e não crescem. Na outra ponta, profissionais bem preparados colaboram com a empresa no processo de inovar, no bom uso dos insumos e na redução dos desperdícios. Isso é essencial para a produtividade e para a competitividade e, em última análise, para o crescimento do país.

Os exemplos da história mostram que os países que passaram por fortes crises conseguiram se recuperar pela via da boa educação. Vejam o que ocorreu com a Europa e com o Japão depois da Segunda Guerra Mundial. Observem o que ocorreu com os Estados Unidos depois da recessão dos anos 30. Vale a pena lembrar.

A depressão de 1929 teve efeitos devastadores naquele país. Da noite para o dia boa parte da riqueza virou pó. A produção industrial caiu 50%, e o comércio internacional encolheu 70%. Mais de 5 mil bancos faliram. Agravadas por uma impiedosa seca, as safras fracassaram por completo. O desemprego disparou, chegando à casa dos 25%.

Para dar uma ocupação a milhões de pessoas que estavam sem ter o que fazer, o governo americano, em meio a tantos cortes nos orçamentos, decidiu expandir as bibliotecas públicas para ali acomodar os que estavam desempregados. Assim foi feito. Os acervos aumentaram, os espaços e os horários de funcionamento se ampliaram. Surgiram nessa época as bibliotecas circulantes para atender os leitores das pequenas cidades e da zona rural.

Qual foi a consequência daquela iniciativa? Importantíssima. Durante quase dez anos, milhões de desempregados se ocuparam com a leitura. O resultado foi o previsível: no meio de tantos desastres, o país enriqueceu o seu mais precioso ativo – o capital humano – e com isso enfrentou os desafios da retomada do crescimento.

Na recessão recente, observou-se o mesmo comportamento. As matrículas nas universidades

americanas aumentaram nos anos de 2008-11 em meio a forte desaceleração da economia. Isso será estratégico na hora da retomada do crescimento econômico.

ESCASSEZ DE PROFISSIONAIS QUALIFICADOS

No Brasil, a falta de profissionais de boa qualidade atinge todos os setores. Na indústria, dois terços dos empresários se ressentem da falta desses profissionais². De fato, apenas 17% dos atuais empregados completaram o curso universitário e 43% o curso médio. Para enfrentar os desafios da sociedade do conhecimento, isso é muito pouco.

Tenho um amigo construtor que em 2012 estava erguendo as obras de uma refinaria de petróleo no Nordeste. A cada mês, ele perdia para a empresa contratante inúmeros dos seus melhores funcionários, desde mecânicos e eletricitistas até mestres de obras e engenheiros, profissionais que ele não conseguia repor em seus quadros. Os que entravam eram de qualidade inferior, o que tinha graves implicações para o custo do trabalho.

Nos anos recentes, o método da “pirataria” virou a regra no mercado de trabalho. Uma empresa só consegue bons profissionais quando retira de outra. Para a indústria do álcool, a escassez desses profissionais atinge 76% das empresas. No setor de vestuário, são 75%. Na indústria extrativa, 71%; na área de máquinas e equipamentos, 70%; nas montadoras de veículos, 67%. Na construção de hidroelétricas, o problema é o mesmo. Essa escassez está levando várias empresas a chamar de volta os funcionários (experientes) que se aposentaram³.

A carência é sentida também pela indústria aeronáutica e pelo *agrobusiness*⁴. Na área de petróleo a escassez é crítica e será mais grave na plena exploração do pré-sal, é claro, se nada for feito do lado da oferta de profissionais qualificados.

2 Pesquisa da Confederação Nacional da Indústria, 2011.

3 A pesquisa foi realizada pela IBM com mais de 1,5 mil CEOs de 33 segmentos de mercado de 60 países, incluindo o Brasil, entre setembro de 2009 e janeiro de 2010.

4 A falta de mão de obra já atinge os não qualificados. Nas lavouras de café, falta gente para a colheita. Na construção civil, está difícil conseguir serventes. Até as empregadas domésticas estão diminuindo.

Igualmente preocupante é a situação de hotéis, que só conseguem pessoal qualificado para trabalhar como chefe de cozinha, *maitres*, recepcionistas e outros quando “roubam” de outros hotéis. Os organizadores dos eventos esportivos de 2014 e 2016 terão um enorme desafio pela frente. Será mais fácil equipar os hotéis do que contar com pessoal adequadamente preparado.

O atual quadro de oferta é grave. O Brasil ainda mantém cerca de 1,7 milhão de jovens de 15 a 17 anos fora da escola. Cerca de 14 milhões de brasileiros de 15 anos ou mais não sabem ler ou escrever. Dos que terminam o ensino fundamental, apenas a metade conclui o nível médio. O pior é que mais de 2 milhões de jovens com ensino médio completo não estão nem estudando, nem trabalhando e nem procurando emprego. Com um quadro tão precário, não surpreende o fato de os empresários reclamarem da falta de qualidade da maior parte da nossa força de trabalho.

A PONTE ENTRE A ESCOLA E O TRABALHO

Além do problema quantitativo, reconhece-se que a escola brasileira (com raras exceções) não está conseguindo acompanhar as necessidades qualitativas do mundo do trabalho. Por sua vez, para atender às novas demandas, a qualidade é o que importa. E isso inclui a qualidade na profissão e no domínio geral da linguagem, da redação e do bom entendimento dos conceitos básicos que ocorre em qualquer atividade. No recrutamento de um profissional, as empresas não examinam apenas o seu currículo. Elas buscam os candidatos que revelem um bom potencial para apreender novos conhecimentos, que gostem de estudar continuamente, que tenham obsessão pela leitura, enfim, que foram inoculados com o *vírus da curiosidade*. Elas sabem que, para trabalhar bem, é preciso pensar bem.

Na melhor das hipóteses, as nossas escolas ensinam os alunos a passarem nas provas. São raras as que ensinam a pensar. A capacidade de pensar se desenvolve a partir do domínio da linguagem. Em 2012, assisti a um seminário organizado conjuntamente pelas academias Brasileira e Paulista de Letras, cujo foco foi a defesa da língua portuguesa. Nas exposições apresentadas, fiquei chocado com a deturpação que vem ocorrendo com o vernáculo. Uma ala crescente de profes-

res insiste em enaltecer o uso das corruptelas em lugar de ensinar as regras fundamentais da língua portuguesa. Para eles, falar certo é elitista, e escrever corretamente é esnobe. Para ser do povo, é preciso falar e escrever de costas para as regras da linguagem. Virou politicamente incorreto seguir a gramática. Tais professores refletem em grande parte o que leem nos livros didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação.

Trata-se de um cenário falsamente democrático que se destaca pelo cultivo do erro cujo resultado é catastrófico. Vários recrutadores estão submetendo candidatos a profissões de nível médio e superior a uma prova de ditado. Isso mesmo: *ditado*. Fiquei arrasado quando um *headhunter* de respeito me contou que, de 30 palavras ditadas, os candidatos erraram 20 em média.

O menosprezo pela linguagem adequada afeta o desempenho dos alunos nas demais disciplinas. Ninguém consegue pensar bem se não manejar corretamente a palavra escrita e oral. Nos exames da OAB de 2012, 90% dos candidatos são reprovados, a maioria por não saber se expressar e não entender o que lê. Deficiência de pensamento, é claro, mina a produtividade de toda força de trabalho e o crescimento do país.

Apesar de um quadro tão dramático, vejo que nem tudo está perdido. Anima-me saber que a maioria das empresas brasileiras se mostra disposta a fazer investimentos próprios na preparação dos trabalhadores (ABTD, 2010). Da mesma forma, prefeituras e outros entes governamentais estão treinando candidatos e funcionários já contratados. O Sistema S vem ampliando as vagas para o ensino profissional. Os próprios trabalhadores tomam iniciativa de se matricularem em cursos de reforço da educação básica e em escolas profissionais.

QUANTIDADE *VERSUS* QUALIDADE

Quando se fala em melhorar a qualidade da educação, surge logo o argumento de que qualidade não casa com quantidade. Não é verdade. O que seria das montadoras se, para produzir mais carros, tivessem de sacrificar a qualidade?

No início de 2012 estive na Coreia do Sul. Quando me informaram que todas as crianças estudavam com a ajuda de um *notebook* pessoal, não me impressionei, porque lá essa maquina é

barata e acessível. Mas, quando me contaram que *todas* as professoras sabiam adequar perfeitamente os recursos daquela tecnologia às necessidades de cada idade e de cada grupo de crianças, fiquei maravilhado. Bem diferente é o caso de milhares de escolas públicas brasileiras, que possuem computadores os quais 96% estão na diretoria e não nas salas de aula.

Mas o problema mais grave da educação brasileira não está na falta de máquinas e sim na falta de programas e talentos bem preparados para administrar as escolas e educar os alunos. Isso se reflete na produtividade do trabalho, na eficiência das empresas, no custo de produção e no alto preço dos bens e serviços.

A escassez de pessoal qualificado faz disparar o custo do trabalho. Aumentar salário é bom para o trabalhador e para a economia, mas isso precisa ser acompanhado pela elevação proporcional da produtividade. Não é o caso do Brasil. Quando se comparam os salários brasileiros com os dos nossos concorrentes, a situação é preocupante.

O salário médio industrial de países do Leste Europeu é inferior ao do Brasil (todos com encargos sociais). Na Estônia é de US\$ 9,47 por hora, enquanto o do Brasil é cerca de US\$ 10. Na Hungria é de US\$ 8,40; em Taiwan, US\$ 8,36; na Polônia, US\$ 8,01; no México, US\$ 6,23; nas Filipinas, US\$ 1,90; e na China, US\$ 1,36⁵.

É com esses países que o Brasil está tendo de competir e de maneira acirrada. E os resultados não são bons. Nossos bens e serviços não têm a qualidade e o preço que os consumidores desejam. O problema decorre, em grande parte, do elevado custo unitário do trabalho, que, por sua vez, se liga à escassez de bons profissionais e à precariedade do sistema educacional.

Comparações internacionais indicam que, no momento atual, o Brasil é um dos países que mais sofre com a questão da falta de mão de obra e da baixa produtividade do trabalho⁶.

O mais importante é notar que a qualidade da educação e o nível de produtividade da força de trabalho dos países indicados são substancialmente mais altos do que os do Brasil. Ou seja, o *custo unitário do fator trabalho* é bem mais baixo do que o referido pelos números acima (BLS, 2001).

Salários em ascensão e produtividade estagnada pressionam o custo unitário para cima. No caso

do Brasil, esse efeito foi de impacto gigantesco. Quando medido em dólares, o custo unitário de 2012 foi 158% maior do que o registrado em 2002. Trata-se de um aumento colossal e desconhecido nos países emergentes e mesmo nos mais avançados. Nestes, para o mesmo período, o custo unitário do trabalho subiu no máximo 15%.

Quando o custo unitário sobe muito, as empresas ficam com apenas duas alternativas para chegar a um equilíbrio. Na primeira, elas repassam o adicional de custo aos preços dos bens e serviços. Na segunda, as empresas retiram esse adicional dos lucros. A primeira alternativa pressiona a inflação, e a segunda reduz os investimentos. O Brasil dos dias atuais sofre dos dois males. Vê-se assim que a alta de preços e a fragilidade dos investimentos guardam estreita relação com o comportamento do fator trabalho, em especial, da sua produtividade – o que compromete o crescimento. Dados recentes mostram que a participação dos ganhos de produtividade no aumento do PIB do Brasil é de apenas 25%. O restante decorre do aumento do emprego e da renda e do poder de compra da população. Na Coreia do Sul, 75% do crescimento do PIB decorre dos ganhos de produtividade, sustentados, em grande parte, pela boa qualidade da educação e da força de trabalho.

O Brasil não conseguirá aumentar a renda com base no aumento do número de pessoas empregadas. Isso porque a população está envelhecendo, e a parcela de jovens é cadente. Os brasileiros em idade de trabalhar (20 a 64 anos) encolherão de 137 milhões para 127 milhões entre 2030 e 2050. Isso significa que o crescimento da renda no futuro vai depender fundamentalmente da elevação da produtividade do trabalho e, portanto, da educação.

A melhoria da educação é, sem dúvida, um dos principais determinantes do aumento da produtividade em qualquer país. Mais ainda no Brasil, onde a maior parte da força de trabalho tem baixa capacidade de raciocinar, operar com matemática e dominar a linguagem.

Para se chegar a um crescimento sustentado, a produtividade do trabalho teria de subir pelo

5 Dólares calculados a R\$ 2,10.

6 Ver: "Brasil é 3º País com Mais Escassez de Talentos no Mundo", pesquisa da Consultoria Manpower, 2011.

menos 3% anualmente, e o custo unitário deveria ser contido em torno de aumentos anuais não superiores a 1% ao ano. Esse desafio é gigantesco. Subir a produtividade com esse vigor exigirá inúmeras reformas em nossas instituições e uma melhoria substancial na qualidade do ensino em todos os níveis.

EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Além da demanda do setor produtivo, o Brasil tem necessidade de construir gerações de bons cidadãos e de reduzir fortemente o grande atraso nas áreas sociais, como é o caso da saúde, justiça, segurança, previdência e da própria educação.

Também nesse campo a defasagem é preocupante. O exercício da cidadania só ocorre depois da incorporação adequada do sistema de direitos e deveres. A democracia só prospera em regimes que dispõem de mecanismos de equilíbrio. Estamos longe disso. Basta ver que, na própria Constituição Federal, a palavra “direito” aparece 76 vezes, enquanto a palavra “dever” aparece apenas quatro vezes. A palavra “produtividade”, duas vezes, e “eficiência”, uma vez. O que se pode fazer com um país que tem 76 direitos, quatro deveres, duas produtividades e uma eficiência? A caminhada em relação ao equilíbrio depende também de educação de boa qualidade.

Poucas são as escolas que transmitem os valores comumente praticados no mundo do trabalho, onde o equilíbrio entre direitos e deveres é fundamental. Na minha visão, as escolas do Sistema S são exceções. Vejo nelas o cultivo do *ethos* do trabalho. Essa impressão decorre de inúmeras visitas que realizei nessas escolas por mais de cinquenta anos. Nunca vi entre os alunos do Senai, por exemplo, o desrespeito pelos professores, a depredação das instalações, o descaso pelas ferramentas, o descuido dos valores morais.

Por que isso não ocorre em outras escolas? Penso que os valores do *ethos* do trabalho vêm da interface das escolas do Sistema S com as empresas industriais. Nunca vi uma empresa bem-sucedida que seja suja, descuidada e desleixada com seus equipamentos e ferramentas. É dessa interface que surge o *ethos* que é transmitido pelo Senai. Para o trabalho moderno, essa dimensão é tão importante quanto a cognitiva.

Em conclusão, os avanços quantitativos no campo da educação e da formação profissional precisam ser urgentemente atendidos por melhorias na qualidade e por inovações nos programas e nos métodos de administrar e transmitir a educação.

Como o processo educacional é demorado, o Brasil terá de encontrar um atalho. As iniciativas das empresas são um deles. Vejo nesses programas uma chance de reparar os estragos causados pela má qualidade da escola fundamental.

Não podemos esquecer que a educação básica de boa qualidade é a chave para se resolver o problema da baixa capacitação da mão de obra no Brasil. É a chave também para se gerar bons empregos e para manter as pessoas empregadas e usufruindo de rendas crescentes e praticando a verdadeira cidadania. Enfim, é fundamental para o bem-estar geral da população.

RESUMO E CONCLUSÃO

No mundo moderno aumentou muito a importância da educação como propulsora do crescimento econômico das nações. Cada vez mais, os processos produtivos se baseiam nos “bens intangíveis”, ou seja, nas ideias. Para o sucesso de uma nação, não basta que seus cidadãos sejam informados. É preciso que eles saibam como usar essas informações de modo a transformá-las em forças do crescimento.

As mudanças tecnológicas ocorrem em velocidade meteórica, o que requer uma boa capacidade de compreensão e de ajuste por parte dos trabalhadores. As máquinas e os equipamentos estão se tornando semelhantes e acessíveis à maioria dos países. O que fará a diferença daqui para frente é a capacidade de utilizar tais máquinas e equipamentos com eficiência – o que requer um bom preparo profissional e, sobretudo, uma boa capacidade de pensar.

No campo educacional, a formação profissional é estratégica. Mais importante, porém, é a educação de boa qualidade para o domínio da linguagem e da aritmética. É por meio delas que as pessoas raciocinam, pensam e agem.

As defasagens no campo educacional no Brasil são enormes – e em todos os níveis. Elevar a qualidade do ensino é crucial para a melhoria da produtividade do trabalho e, conseqüentemente, para o crescimento econômico. Nunca ficou tão claro o papel da educação para o progresso das nações.

BIBLIOGRAFIA

- ABTD – Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento. “O Retrato do Treinamento no Brasil”. São Paulo, ABTD, 2010.
- BLS – Bureau of Labor. “International Comparisons of Hourly Compensation Costs in Manufacturing, 2011”. Washington, Bureau of Labor Statistics/U.S. Department of Labor, 2011.
- FOEGEL, Robert. *The Fourth Great Awakening*. Chicago, The University of Chicago Press, 2002.
- GREENSPAN, Alan. “Overview: Central Bank Perspectives”, in *Proceedings*, Federal Reserve Bank of Kansas City, 1989, pp. 309-13. Disponível em: www.kc.frb.org/publicat/sympos/1989/S89GREEN.PDF.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America*. New York, Anchor Books, 1969.
- WEISSBOUND, Robert. “Comprehensive Community Development in the Metropolitan Context”, January 2012. Disponível em: www.rw.ventures.com/publication/downloads/ICCD-Forum-remarks-1-23-12.pdf.